



---

## A DICOTOMIA COGNITIVA EM REDAÇÕES DO EF II/EM/ESCOLA PÚBLICA

**Neidja Virginia Felix de Santana**

Universidade Federal de Rondônia (UNIR)

E-mail: neidja.santana@hotmail.com

**Rita Maciel**

Universidade Federal de Rondônia (UNIR)

E-mail: rmaciel485@gmail.com

**Valdir Vegini**

Universidade Federal de Rondônia (UNIR)

E-mail: vvegini@gmail.com

### RESUMO

O artigo tem como intenção analisar uma amostra representativa de cinco redações produzidas em uma Escola Pública à luz da teoria de Jerome Bruner, que trata especificamente da dicotomia formal do funcionamento do pensamento humano, como cotejamento parcial e objetivo geral para o Ensino Fundamental II do Ensino Público e com a cartilha do ENEM. Paralelamente a esse objetivo maior, o artigo pretende mostrar qual dos dois tipos de pensamento predomina na amostra das cinco produções textuais e especular acerca da possibilidade de estender essa predominância tipológico-cognitiva como macro tendência para o conjunto geral das redações. Para alcançar esses objetivos, empregamos a pesquisa bibliográfica, os objetivos gerais para as redações do Ensino Fundamental II e a cartilha do ENEM, a pesquisa etnolinguística, como suporte para o estudo das relações entre língua, cultura e sociedade e a pesquisa documental para sustentar a escolha do objeto de estudo. Os principais resultados alcançados são: o conjunto das quatro primeiras redações contém as características predominantes do funcionamento cognitivo narrativo e, em conformidade com o objetivo geral para as redações previstas para o nível do Ensino Fundamental II, as características da narração do tipo ficcional, a produção textual do aluno do 2º ano do Ensino Médio está assentada nas características do funcionamento cognitivo predominantemente paradigmático ou científico e, com base na cartilha do ENEM, trata-se de um texto dissertativo argumentativo. É possível conjecturar que esses alunos produzem narrações ficcionais e redações dissertativas com base no “funcionamento cognitivo”, ‘narrativo’ e ‘paradigmático ou científico’, respectivamente, cada um fornecendo diferentes modos de ordenamento da experiência, de construção da realidade.

**Palavras-chave:** Pensamento narrativo, Pensamento paradigmático, Redações escolares.



---

## ABSTRACT

The article intends to analyze a representative sample of five essays produced in a Public School in the light of Jerome Bruner's theory, which deals specifically with the formal dichotomy of the functioning of human thought, as a partial comparison and general objective for Elementary School II. Public and with the ENEM primer. Parallel to this larger objective, the article intends to show which of the two types of thinking predominates in the sample of the five textual productions and speculate about the possibility of extending this typological-cognitive predominance as a macro tendency for the general set of essays. To achieve these goals, we employ bibliographic research, the general objectives for the essays of Elementary School II and the ENEM booklet, the ethnolinguistic research, as a support for the study of the relations between language, culture and society and documentary research to support the choice of study object. The main results achieved are: the set of the first four essays contains the predominant characteristics of the narrative cognitive functioning and, in accordance with the general objective for the predicted essays for the Elementary School level II, the characteristics of the fictional narration, the production The textual text of the 2nd year high school student is based on the characteristics of the predominantly paradigmatic or scientific cognitive functioning and, based on the ENEM primer, it is an argumentative dissertative text. It is possible to conjecture that these students produce fictional narratives and essay essays based on 'cognitive functioning', 'narrative' and 'paradigmatic or scientific', respectively, each providing different modes of ordering experience, constructing reality.

**Keywords:** Narrative thinking, Paradigmatic thinking, School essays.

## INTRODUÇÃO

O tema a ser abordado neste artigo se insere na linha de pesquisa dois (“Línguas, Linguagens e Culturas Amazônicas”) do programa de Mestrado Acadêmico em Letras da Universidade Federal de Rondônia bem como no projeto e grupo de pesquisa “Narrativas do Linguajar Rondoniense” (NLR)<sup>1</sup>, que tem como líder o terceiro autor deste trabalho e, entre seus membros voluntários, os dois primeiros autores desta produção.

---

<sup>1</sup> **NLR** (Grupo de pesquisa “Narrativas do Linguajar Rondoniense”): Conselho Superior–CONSEA–Processo nº 23118001371/2014-09–Da Presidência dos Conselhos Superiores–HOMOLOGADO em 22-04-2016–Parecer nº 1929/CPE–Câmara de Pesquisa e Extensão–CPE–Assunto: Grupo de Pesquisa: “Narrativas do Linguajar Rondoniense - NLR”. Interessado: Valdir Vegini. Relator: Dalza Gomes da Silva–Decisão da Câmara: Nº 88 sessão ordinária, em 12.04.2016, a Câmara acompanha o parecer 1929, cuja relatora é favorável à **INSTITUCIONALIZAÇÃO DO GRUPO DE PESQUISA**”, fazendo a seguinte emenda modificativa no item III do parecer: “**favorável À INSTITUCIONALIZAÇÃO DO GRUPO DE PESQUISA “NARRATIVAS DO LINGUAJAR RONDONIENSE – NLR”**”; o Grupo de Pesquisa NLR também consta no **PDI da UNIR**



---

A pesquisa etnolinguística, que estuda as relações entre língua, cultura e sociedade (BARRETO, 2010, p. 2), a documental (GIL, 1996, p. 51), que se vale de materiais que ainda não receberam tratamento analítico e a bibliográfica (GIL, 1996, p. 48-51), que se utiliza de contribuições de autores renomados que estuda(ram) determinado assunto, formam o tripé de sustentação metodológica para a formação e análise do nosso objeto de estudo, que é constituído por um conjunto de redações produzidas por alunos de uma escola Pública do Estado de Rondônia, lócus da nossa pesquisa etnolinguística e documental, no decorrer do primeiro semestre de 2019, gentilmente disponibilizado por dois professores de língua portuguesa desse estabelecimento na condição de que tanto seus nomes quanto o de seus educandos fossem mantidos no anonimato.

Do total das redações disponibilizadas, foi selecionada aleatoriamente uma redação para cada série do Ensino Fundamental II (6<sup>a</sup>, 7<sup>o</sup>, 8<sup>o</sup> e 9<sup>o</sup>) e uma do segundo ano do Ensino Médio de tal forma que o objeto de análise ficou limitado a cinco redações e, por conta dessa redução, tornou-se a amostra representativa do foco de nossa pesquisa. Sequencialmente a esses procedimentos metodológicos, estabelecemos como objetivos de trabalho: a) analisar a amostra representativa do objeto de nossa pesquisa com a teoria de Jerome Bruner contida no segundo capítulo do seu livro “Realidade Mental, Mundos Possíveis” (1997, p. 12-46), que trata da dicotomia formal do pensamento humano, ou seja, a do “Pensamento Narrativo e a do Pensamento Paradigmático e/ou Científico”; b) cotejar essa mesma amostra com a “Cartilha do Participante da Redação do Exame Nacional do Ensino Médio” (Edição 2018); c) mostrar qual dos dois tipos de pensamento predomina na amostra das cinco produções textuais selecionadas; c) especular acerca da possibilidade de estender essa predominância tipológico-cognitiva como macro tendência para o conjunto geral das redações disponibilizadas.

Em busca desse objetivo quadripartido, o artigo está assim organizado: a primeira seção apresenta a teoria de Bruner acerca do pensamento paradigmático e narrativo; a segunda, mostra na íntegra as cinco redações selecionadas no formato digitalizado e etiquetadas como Redação A, B, C, D e E; a terceira exhibe o enquadramento tipológico-

---

(versão 2019-2024) em “Grupo 9 – **GRUPOS DE PESQUISA CERTIFICADOS**” (p. 66, p. 80) - (BS 071, de 10 de setembro de 2019) e, portanto, legalizado até 2024.



---

cognitivo das cinco redações da seção 2 como pertencentes ao “pensamento narrativo” (Redações A, B, C e D) e ao “pensamento paradigmático e/ou científico” (Redação E); a quarta analisa e coteja a respeito do enquadramento formulado na seção 3 com a teoria de Bruner, com o objetivo geral para o Ensino Fundamental II do Ensino Público brasileiro, com a cartilha do ENEM (2018) e especula acerca da provável predominância tipológico-cognitiva como macro tendência para o conjunto geral das redações disponibilizadas.

Nas considerações finais, os autores do trabalho retomam resumidamente o objeto, o objetivo, a metodologia, a teoria e os principais resultados alcançados, agradecem as entidades que motivaram a realização da pesquisa e admitem a necessidade da continuidade e/ou aprofundamento de pesquisas similares à mesma temática estudada.

## **1 DOIS MODOS DE FUNCIONAMENTO COGNITIVO**

Existem, afirma Bruner (1997, p. 12), "dois modos de funcionamento cognitivo, cada um fornecendo diferentes modos de ordenamento de experiência, de construção de realidade", que são "irredutíveis um ao outro". Cada uma dessas formas de conhecimento tem "princípios operativos próprios e seus próprios critérios de boa formação" e "diferem radicalmente em seus procedimentos de verificação". "Podemos convencer o outro tanto por meio de uma "boa história" como por um "argumento bem formado", afirma Bruner; no entanto, explica esse autor, "do que eles convencem é bem diferente: os argumentos convencem alguém de sua veracidade, as histórias de sua semelhança com a vida." Pelos argumentos, justifica Bruner, tentamos demonstrar uma verdade "através de um possível apelo a procedimentos para estabelecer provas formais e empíricas"; por uma boa história, continua o autor, tentamos estabelecer "não a verdade, mas a verossimilhança.", ou seja, por essa forma de convencer alguém de alguma coisa nós procuramos mostrar ao nosso interlocutor a harmonia e a coerência entre os fatos relatados, sem compromisso, portanto, de estabelecer provas formais ou empíricas. (BRUNER, 1997, p. 12).

Os argumentos, insiste Bruner (1997, p.13), tomam caminhos diferentes: “um leva à busca de condições de verdades universais; o outro, de condições particulares prováveis entre

dois eventos - pesar mortal, suicídio, traição". Bruner (1997, p. 14) chama o primeiro modo de funcionamento cognitivo de "paradigmático ou lógico-científico" porque, segundo ele, é o que se presta para "preencher o ideal de um sistema formal e matemático de descrição e explicação". Por meio dessa forma de pensamento, afirma o autor, nós empregamos "a categorização ou a conceituação e as operações pelas quais as categorias são estabelecidas, instanciadas, idealizadas e relacionadas umas às outras para formar um sistema."; por meio desse tipo de pensamento nós utilizamos "procedimentos para assegurar a referência comprovável e testar a veracidade empírica." E acrescenta, em seguida:

Sua linguagem é regulada por necessidades de consistência e de não-contradição. Seu domínio é definido não apenas por elementos observáveis aos quais suas afirmações básicas se referem, mas também pelo conjunto de mundos possíveis que podem ser gerados logicamente e testados contra os elementos observáveis - ou seja, é conduzido por hipóteses fundamentadas. (BRUNER, 1997, p. 14)

O modo paradigmático "busca transcender o particular", esforçando-se cada vez mais para alcançar a "abstração, e no final renuncia, por princípio, a qualquer valor explicativo que diga respeito ao particular." (BRUNER, 1997, p. 14) Ao outro modo de funcionamento cognitivo, que Bruner (1997, p. 14) chama de "pensamento narrativo", aquele cuja "aplicação imaginativa [...] conduz a histórias boas, dramas envolventes, relatos históricos críveis (embora não necessariamente 'verdadeiros')." Esse tipo de pensamento, justifica Bruner (1997, p. 14), "trata de ações e intenções humanas ou similares às humanas e das vicissitudes e conseqüências que marcam seu curso. Ele se esforça para colocar seus milagres atemporais nas circunstâncias da experiência e localizar a experiência no tempo e no espaço." Para deixar ainda mais claras as funções díspares de cada um desses dois tipos de pensamento, Bruner (1998, p. 15) cita Ricoeur (1983) segundo o qual "a narrativa é construída sobre a preocupação com a condição humana", ou seja, "as histórias atingem desenlaces cômicos, tristes ou absurdos, enquanto os argumentos teóricos são simplesmente conclusivos ou inconclusivos." Para Bruner (1991, p. 4), "ao contrário das construções geradas por procedimentos lógicos e científicos, que podem ser destruídas por causa de falsificações, construções narrativas só podem alcançar "verossimilhança." Assim, narrativas são uma versão de realidade cuja aceitabilidade é governada apenas por convenção e por "necessidade

narrativa”, e não por verificação empírica e precisão lógica, e, ironicamente, nós não temos nenhuma obrigação de chamar as histórias de verdadeiras ou falsas.

O "modo paradigmático de pensamento" recebeu ao longo dos últimos milênios, pondera Bruner (1997, p. 14-5), muita atenção e alcançou enorme desenvolvimento; ao contrário disso, o modo narrativo de pensamento pouca atenção tem recebido de tal forma que, assegura, "sabemos bem pouco em qualquer sentido formal sobre como fazer boas histórias." Segundo ele, isso se deve provavelmente porque "a história tem que construir dois panoramas simultaneamente", ambos "essenciais e distintos":

Um é o panorama da ação, onde os constituintes são os argumentos da ação: agente, intenção e objetivo, situação, instrumento, algo que corresponde a uma "gramática da história. O outro é o panorama da consciência: o que os envolvidos na ação sabem, pensam ou sentem ou não sabem, não pensam ou não sentem. (BRUNER, 1997, p. 15)

Como exemplo clássico dessa diferença, Bruner lembra a personagem grega "Édipo partilhando a cama de Jocasta antes e depois de saber pelo mensageiro que ela é sua mãe." (BRUNER, 1997, p. 15). Bruner lembra que a Física Teórica "também procede construindo mundos de um modo comparável, 'inventando' fatos (ou mundo) contra os quais a teoria deve ser testada." Ele até concorda com a exortação de Quine (1978, apud BRUNER, 1997, p. 15) que afirma ser a Física realmente constituída de "99% de especulação e 1% de observação". Talvez ele também concordaria com as três leis do homem e a tecnologia estabelecidas por Arthur Clarke, notadamente a terceira delas:

1. Quando um cientista distinto e experiente diz que algo é possível, é quase certeza que tem razão. Quando ele diz que algo é impossível, ele está muito provavelmente errado. 2. O único caminho para desvendar os limites do possível é aventurar-se um pouco além dele, adentrando o impossível. **3. Qualquer tecnologia suficientemente avançada é indistinguível da magia.** (LEIS DE CLARCKE. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Leis de Clarke](https://pt.wikipedia.org/wiki/Leis_de_Clarke)>. ACESSO EM: 20/09/2019).

Todavia, a criação do mundo envolvido em especulações da Física e/ou da Tecnologia "é de uma ordem diferente da que a criação de histórias faz." A Física, afirma Bruner (1997, p. 15), "deve acabar predizendo algo que é comprovadamente certo, não obstante o quanto ela possa especular." Já as histórias, conclui ele, "não têm necessidade de

comprobabilidade." porque a "credibilidade de uma história é de ordem diversa da credibilidade mesmo das partes especulativas da Física Teórica."

As histórias ou as narrativas, reiteramos, tratam "das intenções humanas" e, por conta disso, "deveria haver incontáveis tipos de histórias". Surpreendentemente, afirma Bruner, não é isso que ocorre. Assim, por exemplo, "narrativas naturais começam com um estado estável e canônico ou 'legitimado', que é rompido, resultando em uma crise, que é solucionada por uma compensação, sendo que a repetição do ciclo é uma possibilidade em aberto." (BRUNER, 1997, p. 17)

Existiria, então, se pergunta Bruner, uma "estrutura profunda limitadora na narrativa" e que boas histórias seriam "realizações especiais bem formadas" dessa mesma estrutura profunda limitadora? Para responder a essa sua indagação, Bruner se ancora em "Victor Turner (um antropólogo), Tzvetan Todorov (um filósofo e linguista), Hayden White (um historiador) e Vladimir Propp (um folclorista)". Já "Barbara Herrnstein-Smith é uma voz dissidente notável." (BRUNER, 1997, p. 17), de fato continua a se perguntar: como explicar, de um lado, um inatismo limitador para uma história com tantas "erupções de inovações, que iluminam o curso da história literária"? De outro lado, como igualmente explicar "por que há tanta semelhança reconhecível em contos de todos os países e tanta continuidade histórica dentro de qualquer língua"? Que "nível de interpretação de uma história deveremos tomar para representar sua 'estrutura profunda' - *litera*, *moralis*, *allegoria* ou *anagogia*?" E sua interpretação? A partir de quem? De "Jung, Foucault, Northop ou de Fryre? E se se tratar de romances anti-romances? Ítalo Calvino "explora as expectativas que seus leitores têm das histórias, zombando deles astuciosamente"? Isso seria "visto como violação ou conformidade à forma canônica"? E como fica "a questão do discurso na qual a história é tecida bem como os dois aspectos da história, [...], o atemporal e o seqüenciado? Qual é o restrito, e de que maneiras?" BRUNER, 1997, p. 17-8 concorda "haver uma estrutura nas antigas histórias populares ou mitos", mas volta a se perguntar: "essas narrativas fornecem uma estrutura universal para todas as ficções? (BRUNER, 1997, p. 18) Por fim, depois de tantos questionamentos sem respostas conclusivas, Bruner (1997, p. 18) propõe uma "definição tão livre de restrições quanto possível em relação àquilo que uma história deve 'ser para ser uma

história", aquela mesma que ele havia sugerido inicialmente quando discorria acerca do "modo de funcionamento cognitivo" chamado "pensamento narrativo" (BRUNER, 1997, p. 14): uma história ou uma narrativa "trata de ações e intenções humanas ou similares às humanas e das vicissitudes e consequências que marcam seu curso.", ou simplesmente, uma narrativa "trata das vicissitudes da intenção". (BRUNER, 1997, p. 18) Em outros termos, toda narrativa bem formada contém eventos sucessivos e/ou sequenciais, casuais, imprevisíveis e instáveis, que estão, frequente e consequentemente fora do controle consciente e/ou das intenções, dos planos ou dos propósitos das pessoas porque, como se diz popularmente, "assim é a vida".

Segundo Bruner (1997, p. 18), essa definição permite "não apenas [...] uma certa flexibilidade ao teórico, mas [...] uma 'primitividade' que é atraente" na medida em que cria "um argumento contundente a favor da natureza irreduzível do conceito intenção", um verdadeiro móvel da ação que se tem em vista, que tende para um objeto e lhe dá um sentido. A intenção em uma narrativa, nas palavras de Bruner, "é imediata e intuitivamente reconhecível", ou seja, ela não requer "para seu reconhecimento nenhum ato interpretativo complexo ou sofisticado por parte de quem a presencia."

A partir daqui, Bruner continua a refletir a respeito do conceito da intencionalidade que ele imagina ser tão primitivo quanto ao da "causalidade" (BRUNER, 1997, p. 18-22); contudo, para os objetivos deste artigo o que até aqui foi apresentado é o que nos basta.

## 2 A ÍNTEGRA DIGITALIZADA DAS CINCO REDAÇÕES

### **REDAÇÃO A** – 6º ano do Ensino Fundamental II

| <b>Era uma vez uma menina que sonhava em ser uma fada</b> |  |
|---|--|
| 01  | Era uma vez uma menina que sonhava em ser uma fada e em um belo dia quando         |
| 02  | foi passear em um parque encontrou um espelho encostado num lindo banco, ela       |
| 03  | resolveu observar esse espelho e levar para casa. No dia seguinte enquanto seus    |
| 04  | colegas brincavam de bola, sua janela estava aberta e a bola caiu dentro do        |
| 05  | espelho, ela ficou admirada com aquilo e entrou lá dentro pra ver o que tinha e lá |
| 06  | tinha várias árvores encantadas que brilhavam muito e muitas fadas ela ficou tão   |
| 07  | feliz que começou a correr pelo lugar sem querer esbarrou em uma das fadas que     |
| 08  | voava distraída por ali e ela perguntou: - O que você faz aqui humana? E ela       |
| 09  | disse: - Não sou daqui, encontrei um espelho e resolvi entrar. A fadinha mostrou   |



|    |   |
|----|---|
| 10 | tudo pra ela do lugar onde morava. Alguns anos se passaram e ela se tornaram      |
| 11 | grandes amigas, mas como aquela menina não era dali, em um dia o céu ficou        |
| 12 | escuro e dali saiu a rainha das fadas muito brava e falou: O que esta menina está |
| 13 | fazendo aqui? Leve ela para o mundo que ela veio, a fadinha ficou muito           |
| 14 | assustada e resolveu explicar: Ela encontrou um espelho e veio parar aqui. A      |
| 15 | rainha olhou bem pra ela e disse: Esse espelho era dourado? E ela respondeu: -    |
| 16 | sim! Vossa majestade a rainha falou: Você se confundiu, esse espelho leva         |
| 17 | pessoas para outra dimensão, se você ficar aqui muito tempo, você vai virar uma   |
| 18 | fada. Ah, não, mas aqui é tão legal - Disse a menina. Você vir visitar a gente de |
| 19 | vez em quando. E ela falou: - ótimo! E elas viveram felizes para sempre.          |

**REDAÇÃO B** - 7º ano do Ensino Fundamental II

| <b>Era uma vez uma menina que sonhava ser astronauta</b> |  |
|--|--|
| 01   | Era uma vez uma menina que sonhava ser astronauta. Certo dia encontrou uma             |
| 02   | fada madrinha, ela devia escolher três desejos, um deles era viajar para o espaço.     |
| 03   | Então a fada realizou o pedido. Chegando lá encontraram o planeta, mas ninguém         |
| 04   | sabia que existia, então a menina falou: - Vamos parar aqui, mas não sei qual o        |
| 05   | nome desse planeta, vamos pesquisar! 3 minutos depois - Eu não achei, mas              |
| 06   | vamos parar aqui A fada falou: - mas não tem onde estacionar! - ah, estaciona em       |
| 07   | qualquer lugar. Então elas desceram do foguete, mas estava escuro e tão frio, elas     |
| 08   | ligaram a lanterna e viram duas caveiras, a fada gritou; - AAAAAHHHHH! Que             |
| 09   | susto, mas esquece. Então continuaram a viagem quando a menina olhou, mas não          |
| 10   | olhou direito, e logo olhou para trás, a fada disse: - Você olhou direito? -sim! Não   |
| 11   | vai dizer que é uma caveira né? Ela olhou para frente e viu dois alienígenas, as       |
| 12   | duas gritaram: - AAAAHHHH!!!! São aliens, a fada falou: - me belisca, me               |
| 13   | belisca - te beliscar? - sim , me beliscar. Tá bom - Ai, não precisa ser tão forte, já |
| 14   | entendi que é mentira - de mentira? Sim de mentira! Ah, de verdade. Os aliens          |
| 15   | falaram; - Wyzoawoewyohap... A menina falou: - não estou entendendo. Mas               |
| 16   | tinha um alienígena que sabia falar em português. Ele falou assim: - Vocês vieram      |
| 17   | de onde, de que país? De que planeta? - nós viemos até aqui porque eu pedi um          |
| 18   | pedido de vim até o espaço, eu até gostei daqui. A fada falou: - eu não gostei         |
| 19   | daqui, vamos embora! - Mas... Então a menina se despediu dos aliens e do               |
| 20   | planeta. Anos e anos se passaram a fada apareceu na casa da menina falando             |
| 21   | assim: - Ah, desculpa, entrei na casa errada... - ESPERA!!! THE END.                   |

**REDAÇÃO C** - 8º ano do Ensino Fundamental II

| <b>O Jorge e a lâmpada</b> |   |
|----------------------------|---|
| 01                         | Era uma vez um garoto que se chamava Jorge. Ele estava no shopping, quando ele    |
| 02                         | viu uma lâmpada ele e seus amigos, viram a lâmpada ele logo quis comprar          |
| 03                         | porque ela não era uma lâmpada qualquer ela era uma lâmpada mágica. Seus          |
| 04                         | amigos ficaram surpresos porque iria comprar uma lâmpada em pleno shopping,       |
| 05                         | mas Jorge comprou mesmo, Jorge então chegou em casa e passou a mão e saiu um      |
| 06                         | gênio da lâmpada seus amigos ficaram impressionados com o que estava              |
| 07                         | acontecendo, então o gênio o propôs 3 desejos eles então pediram, um ano de       |
| 08                         | pizza grátis na pizzaria e que eles ficassem ricos e que tirassem boas notas na   |
| 09                         | escola, então o gênio fez, mas com uma condição que eles entrassem em um reino    |
| 10                         | mágico e viajassem para ajudá-lo a se libertar da maldição, mas no final deu tudo |
| 11                         | certo e conseguiram quebrar o feitiço. Fim.                                       |

**REDAÇÃO D** - 9º ano do Ensino Fundamental II

| <b>Quero minha adolescência de volta</b> |  |
|--|--|
| 01                                       | Ao completar 14 anos Carla pensou: - Mano, como seria bom ser logo adulta, já        |
| 02                                       | ter terminado os estudos; me livrar de tantas tarefas; mas Carla não pensou nas      |
| 03                                       | consequências do seu desejo de aniversário, ser adulta não era tão fácil assim       |
| 04                                       | como ela pensava. No dia seguinte “buiuu” adulta Carla havia acordado, achou         |
| 05                                       | incrível ter 30 anos, mas acordou em lugar diferente, não era sua casa, era um       |
| 06                                       | hotel de luxo sim, mas sem papai e mamãe, ela gritou por eles, sem resposta          |
| 07                                       | alguma, desistiu. Levantou e foi procurá-los. Mas uma triste notícia havia           |
| 08                                       | recebido seus pais já tinham morrido num assalto. Carla, desesperada chorando,       |
| 09                                       | querendo seus pais de volta, queria sua adolescência de volta, no dia seguinte       |
| 10                                       | Carla faria 31 anos era sua oportunidade de reencontrar seus pais novamente, mas     |
| 11                                       | ainda era de manhã cedo até chegar o outro dia teria que esperar, resolveu           |
| 12                                       | conhecer esse futuro que estava sem saber o que fazer foi andar pela rua, algumas    |
| 13                                       | peessoas falavam com ela pessoas estranhas, até que chegou uma mulher e a puxou      |
| 14                                       | dizendo: - Vamos, estamos atrasadas para o trabalho sem entender a acompanhou,       |
| 15                                       | ao chegar lá, se deparou com coisas estranhas , não sabia o que fazer nesse          |
| 16                                       | trabalho, no final do dia já cansada foi para casa e falou finalmente o dia acabou e |
| 17                                       | de volta para os braços dos meus pais vou estar, ela pensou não é fácil se           |
| 18                                       | sustentar imagine sustentar mulher e filho todos juntos dá trabalho e não é fácil no |
| 19                                       | dia seguinte acordou bem cedo comprou o bolo e as velas desejou com todo seu         |
| 20                                       | coração ter sua juventude de volta “buiuu” novamente 14 anos [vendo] seus pais       |
| 21                                       | ao seu lado rapidamente os abraçou e eles sem entender nada a abraçaram também. Fim. |

**REDAÇÃO E** - 2º ano do Ensino Médio

| <b>O sistema penitenciário brasileiro</b> |  |
|---|--|
| 01  | O sistema penitenciário brasileiro frequentemente fica prestes a explodir, pela                  |
| 02  | superlotação de todos os presídios No estado brasileiro a extrema violência e as                 |
| 03  | condições as quais os detentos são submetidos que já explodiu e continua                         |
| 04  | explodindo diariamente, essa situação não é reflexo da crise social brasileira, mas              |
| 05  | é pela (...) do sistema de justiça em lidar com a questão. Assim, não é necessário               |
| 06  | (...). Segundo o ministério da justiça, mais de um terço da população carcerária                 |
| 07  | brasileira se trata de detentos que aguardam julgamento do juiz, a grande                        |
| 08  | burocracia dos processos criminais. No país (...) com o impacto da lotação, e                    |
| 09  | muitos dos grandes criminosos aguardam em liberdade se escondendo na brecha                      |
| 10  | das leis. Portanto, a solução exige além de outros fatores uma reforma na                        |
| 11  | legislação criminal e do processo penal, com o incentivo do uso de penas                         |
| 12  | alternativas e premiações para os agentes mais produtivos e capazes de (...) projetar inovações. |



### 3 ENQUADRAMENTO TIPOLOGICO-COGNITIVO DAS CINCO REDAÇÕES

#### 3.1 Pensamento narrativo

| A      |  | B      |  | C      |   | D      |  | E      |       |   |   |   |   |   |   |
|--------|--|--------|--|--------|---|--------|--|--------|-------|---|---|---|---|---|---|
| Linhas | Texto  | Linhas | Texto  | Linhas | Texto   | Linhas | Texto  | Linhas | Texto |   |   |   |   |   |   |
| 1-19   | Era uma vez uma menina que sonhava em ser uma fada e em um belo dia quando foi passear em um parque encontrou um espelho encostado num lindo banco, ela resolveu observar esse espelho e levar para casa. No dia seguinte enquanto seus colegas brincavam de bola, sua janela estava aberta e abola caiu dentro do espelho, ela ficou admirada com aquilo e entrou lá dentro pra ver o que tinha e lá tinha várias árvores encantadas que brilhavam muito e muitas fadas ela ficou tão feliz que começou a correr pelo lugar sem querer esbarrou em uma das fadas que voava distraída por ali e ela perguntou: - O que você faz aqui humana? E ela disse: - Não sou daqui, encontrei um espelho e resolvi entrar. A fadinha mostrou tudo pra ela do lugar onde morava. Alguns anos se passaram e ela se tornaram grandes amigas, mas como aquela menina não era dali, em um dia o céu ficou escuro e dali saiu a rainha das fadas muito brava e falou: O que esta menina está fazendo aqui? Leve ela para o mundo que ela veio, a fadinha ficou muito assustada e resolveu explicar: Ela encontrou um espelho e veio parar aqui. A rainha olhou bem pra ela e disse: Esse espelho era dourado? E ela respondeu: - sim! Vossa majestade a rainha falou: Você se confundiu, esse espelho leva pessoas para outra dimensão, se você ficar aqui muito tempo, você vai virar uma fada. Ah, não, mas aqui é tão legal - Disse a menina. Você vir visitar a gente de vez em quando. E ela falou: - ótimo! E elas viveram felizes para sempre. | 1-21   | Era uma vez uma menina que sonhava ser astronauta. Certo dia encontrou uma fada madrinha, ela devia escolher três desejos, um deles era viajar para o espaço. Então a fada realizou o pedido. Chegando lá encontraram o planeta, mas ninguém sabia que existia, então a menina falou: - Vamos parar aqui, mas não sei qual o nome desse planeta, vamos pesquisar! 3 minutos depois - Eu não achei, mas vamos parar aqui A fada falou: - mas não tem onde estacionar! - ah, estaciona em qualquer lugar. Então elas desceram do foguete, mas estava escuro e tão frio, ela ligaram a lanterna e viram duas caveiras, a fada gritou: - AAAAAHHHHH! Que susto, mas esquece. Então continuaram a viagem quando a menina olhou, mas não olhou direito, e logo olhou para trás, a fada disse: - Você olhou direito? -sim! Não vai dizer que é uma caveira né? Ela olhou para frente e viu dois alienígenas , as duas gritaram: - AAAAHHHHH!!! São aliens, a fada falou: - me belisca, me belisca - te beliscar? - sim , me beliscar. Tá bom - Ai, não precisa ser tão forte, já entendi que é mentira - de mentira? Sim de mentira! Ah, de verdade. Os aliens falaram; - Wyzoawoewyohap... A menina falou: - não estou entendendo. Mas tinha um alienígena que sabia falar em português. Ele falou assim: - Vocês vieram de onde, de que país? De que planeta? - nós viemos até aqui porque eu pedi um pedido de vim até o espaço, eu até gostei daqui. A fada falou: - eu não gostei daqui, vamos embora! - Mas... Então a menina se despediu dos aliens e do planeta. Anos e anos se passaram a fada apareceu na casa da menina falando assim: - Ah, desculpa, entrei na casa errada... - ESPERA!!! THE END. | 1-11   | Era uma vez um garoto que se chamava Jorge. Ele estava no shopping, quando ele viu uma lâmpada ele e seus amigos, viram a lâmpada ele logo quis comprar porque ela não era uma lâmpada qualquer ela era uma lâmpada mágica. Seus amigos ficaram surpresos porque iria comprar uma lâmpada em pleno shopping, mas Jorge comprou mesmo , Jorge então chegou em casa e passou a mão e saiu um gênio da lâmpada seus amigos ficaram impressionados com o que estava acontecendo, então o gênio o propôs 3 desejos eles então pediram, um ano de pizza grátis na pizzeria e que eles ficassem ricos e que tirassem boas notas na escola, então o gênio fez, mas com uma condição que eles entrassem em um reino mágico e viajasse para ajudá-lo a se libertar da maldição, mas no final deu tudo certo e conseguiram quebrar o feitiço. Fim. | 1-21   | Ao completar 14 anos Carla pensou: - Mano, como seria bom ser logo adulta, já ter terminado os estudos; me livrar de tantas tarefas; mas Carla não pensou nas consequências do seu desejo de aniversário, ser adulta não era tão fácil assim como ela pensava. No dia seguinte "buiuu" adulta Carla havia acordado, achou incrível ter 30 anos, mas acordou em lugar diferente, não era sua casa, era um hotel de luxo sim, mas sem pai e mamã, ela gritou por eles, sem resposta alguma, desistiu. Levantou e foi procurá-los. Mas uma triste notícia havia recebido seus pais já tinham morrido num assalto. Carla, desesperada chorando, querendo seus pais de volta, queria sua adolescência de volta, no dia seguinte Carla faria 31 anos era sua oportunidade de reencontrar seus pais novamente, mas ainda era de manhã cedo até chegar o outro dia teria que esperar, resolveu conhecer esse futuro que estava sem saber o que fazer foi andar pela rua, algumas pessoas falavam com ela pessoas estranhas, até que chegou uma mulher e a puxou dizendo: - Vamos, estamos atrasadas para o trabalho sem entender a acompanhou, ao chegar lá, se deparou com coisas estranhas , não sabia o que fazer nesse trabalho, no final do dia já cansada foi para casa e falou finalmente o dia acabou e de volta para os braços dos meus pais vou estar, ela pensou não é fácil se sustentar imagine sustentar mulher e filho todos juntos da trabalho e não é fácil no dia seguinte acordou bem cedo comprou o bolo e as velas desejou com todo seu coração ter sua juventude de volta "buiuu" novamente 14 anos [vendo] de seus pais ao seu lado rapidamente os abraçou e eles sem entender nada os abraçaram também. Fim. | -      | -     | - | - | - | - | - | - |

|  |  |  |  |  |  |  |  |  |   |   |
|--|--|--|--|--|--|--|--|--|---|---|
|  |  |  |  |  |  |  |  |  | - | - |
|--|--|--|--|--|--|--|--|--|---|---|

### 3.2 Pensamento paradigmático e/ou científico

| A      |       | B      |       | C      |       | D      |       | E      |   |
|--------|-------|--------|-------|--------|-------|--------|-------|--------|---|
| Linhas | Texto | Linhas | Texto | Linhas | Texto | Linhas | Texto | Linhas | Texto   |
| -      | -     | -      | -     | -      | -     | -      | -     | 01-12  | O sistema penitenciário brasileiro frequentemente fica Prestes a explodir, pela superlotação de todos os presídios No estado brasileiro a extrema violência e as condições as quais os detentos são submetidos que já explodiu e continua explodindo diariamente, essa situação não é reflexo da crise social brasileira, mas é pela (...) do sistema de justiça em lidar com a questão. Assim, não é necessário (...). Segundo o ministério da justiça, mais de um terço da população carcerária brasileira se trata de detentos que Aguardam julgamento do juiz, a grande burocracia dos processos criminais. No país (...) com o impacto da lotação, e muitos dos grandes criminosos aguardam em liberdade se escondendo na brecha das leis. Portanto, a solução exige além de outros fatores uma reforma na legislação criminal e do processo penal, com o incentivo do uso de penas alternativas e premiações para os agentes mais produtivos e capazes de (...) projetar inovações. |
| -      | -     | -      | -     | -      | -     | -      | -     |        |   |
| -      | -     | -      | -     | -      | -     | -      | -     |        |   |
| -      | -     | -      | -     | -      | -     | -      | -     |        |   |

## 4 AS RAZÕES DO ENQUADRAMENTO: ANÁLISE E DISCUSSÃO

Como vimos ao longo da seção 1, Bruner afirma existirem “dois modos de funcionamento cognitivo, cada um fornecendo diferentes modos de ordenamento da experiência, da construção da realidade. Segundo ele, os argumentos convencem alguém de sua veracidade; as histórias, de sua semelhança com a vida. O primeiro comprova através de um possível apelo a procedimentos para estabelecer provas formais e empíricas; o outro estabelece não a verdade, mas a verossimilhança.” (BRUNER 1997, p. 12) A este último, ele chama de pensamento narrativo; àquele, pensamento paradigmático ou científico. Apoiados nessas afirmações bem como nas noções gerais contidas no capítulo 2 (“Dois modos de pensamento”) do livro de Bruner (“Realidade Mental, Mundos Possíveis”), temos condições seguras para enquadrarmos as quatro primeiras produções textuais da seção 2 como reflexos do “pensamento narrativo” (capítulo 3, subseção 3.1) enquanto a quinta, como resultante do “pensamento paradigmático e/ou científico” (capítulo 3, subseção 3.2).

#### 4.1 Enquadramento das REDAÇÕES A, B, C e D como do “pensamento narrativo”

São duas as razões que nos levaram a classificar as quatro primeiras redações do nosso objeto de análise postado na seção 2 e enquadrado tipológico-cognitivamente na seção 3, como exemplos do “pensamento narrativo”. A primeira razão está baseada no ensaio de Bruner (1997) já que todas as quatro primeiras redações caracterizam-se por serem histórias “semelhantes à vida”, ou seja, similares aos desejos, aos sonhos e às esperanças das pessoas. Os títulos que cada aluno rotula suas produções vão, seguramente, nessa direção: “Era uma vez uma menina que sonhava em ser uma fada” (REDAÇÃO A); “Era uma vez uma menina que sonhava ser astronauta” (REDAÇÃO B); “O Jorge e a lâmpada” (REDAÇÃO C); “Quero minha adolescência de volta” (REDAÇÃO D). E não somente isso. O desenvolvimento da produção textual de cada um dos alunos segue essa tendência e são reflexos do funcionamento do pensamento narrativo da linguagem humana. Desde o seu início até o seu final, suas redações desvinculam-se da verdade científica e caminham de mãos dadas com a verossimilhança na medida em que suas histórias são uma versão da realidade cuja aceitabilidade é governada apenas por convenção e por “necessidade narrativa”, e não por verificação empírica e precisão lógica. (BRUNER, 1991, p. 4). São evidências dessas afirmações os recortes apresentados abaixo:

Era uma vez uma menina que sonhava em ser uma fada e em um belo dia quando foi passear em um parque encontrou um espelho encostado num lindo banco, ela resolveu observar esse espelho e levar para casa. [...] Ah, não, mas aqui é tão legal - Disse a menina. Você vir visitar a gente de vez em quando. E ela falou: - ótimo! E elas viveram felizes para sempre. (REDAÇÃO A, l. 1-3; l. 17-19)

\*

Era uma vez uma menina que sonhava ser astronauta. [...] Mas... Então a menina se despediu dos aliens e do planeta. Anos e anos se passaram a fada apareceu na casa da menina falando assim: - Ah, desculpa, entrei na casa errada... - ESPERA!!! (REDAÇÃO B, l. 1; l. 19-21)

\*

Era uma vez um garoto que se chamava Jorge. Ele estava no shopping, quando ele viu uma lâmpada ele e seus amigos, viram a lâmpada ele logo quis comprar porque ela não era uma lâmpada qualquer ela era uma lâmpada mágica. [...] então o gênio o propôs 3 desejos eles então pediram, um ano de pizza grátis na pizzeria e que eles ficassem ricos e que tirassem boas notas na escola, então o gênio fez, mas com uma condição que eles entrassem em um reino mágico e viajassem para ajudá-lo a se libertar da maldição, mas no final deu tudo certo e conseguiram quebrar o feitiço. (REDAÇÃO C, l. 1-3; l. 7-11)

\*

Ao completar 14 anos Carla pensou: - Mano, como seria bom ser logo adulta, já ter terminado os estudos; me livrar de tantas tarefas; mas Carla não pensou nas consequências do seu desejo de aniversário, ser adulta não era tão fácil assim como ela pensava. No dia seguinte “buiuu” adulta Carla havia acordado, achou incrível ter 30

anos [...] “buiuu” novamente 14 anos [vendo] seus pais ao seu lado rapidamente os abraçou e eles sem entender nada a abraçaram também. (REDAÇÃO D, 1-4; l. 20-21)

As redações se mostram compromissadas com a harmonia e a coerência entre os fatos relatados; contudo, não há nelas preocupação explícita em estabelecer provas formais ou empíricas em busca de uma lógica e de uma verdade matemática e as tratam singularmente de ações e intenções humanas ou similares às humanas e/ou das vicissitudes das intenções e consequências que marcam seu curso. (BRUNER, 1997, p. 12); 17; 18) Em outros termos, elas - por princípio - contêm eventos sucessivos e/ou sequenciais, casuais, imprevisíveis e instáveis, que estão, frequente e conseqüentemente, fora do controle consciente e/ou das intenções, dos planos ou dos propósitos das pessoas porque, como se diz popularmente, "assim é a vida".

E ela disse: - Não sou daqui, encontrei um espelho e resolvi entrar. (REDAÇÃO A, l. 8-9)

\*

Mas tinha um alienígena que sabia falar em português. (REDAÇÃO B, l. 15-16)

Jorge então chegou em casa e passou a mão e saiu um gênio da lâmpada. (REDAÇÃO C, l. 5-6)

\*

Mas uma triste notícia havia recebido seus pais já tinham morrido num assalto. Carla, desesperada chorando, querendo seus pais de volta, queria sua adolescência de volta. (REDAÇÃO D, l. 7-9).

As ‘intenções’ nessas redações são "imediate e intuitivamente reconhecíveis", ou seja, elas não requerem "para seu reconhecimento nenhum ato interpretativo complexo ou sofisticado por parte de quem a[s] presencia[m]" ou as apreciam. (BRUNER, 1997, p. 18) A explanação das idéias nesta redação, sem entrar no mérito da qualidade esperada para um exame do ENEM, "busca transcender o particular", esforça-se para alcançar a "abstração, e no final renuncia, por princípio, a qualquer valor explicativo que diga respeito ao particular." (BRUNER, 1997, p. 14)

A segunda razão, variante interligada ao funcionamento do ‘pensamento narrativo’ da teoria de Bruner, está fundamentada no objetivo geral para o Ensino Fundamental II do Ensino Público brasileiro, no que ele preconiza para as redações dos alunos desse nível escolar em que a narração é o foco principal das produções textuais:





---

Reconhecer e produzir textos de forma coerente, analisando, interpretando e aplicando os recursos de linguagens, relacionando textos com seus contextos, mediante a natureza, função, organização, estruturas de acordo com as condições de produção/recepção. (META – QUALIDADE em EDUCAÇÃO. Ementa Técnica em Redação – Ensino Fundamental II. Disponível em: <http://metapvh.blogspot.com/2011/04/ementa-tecnica-em-redacao-ensino.html>). Acesso em: 22/-9/19).

As quatro redações estudadas, do ponto de vista escolar, são, na realidade, narrações e atendem razoavelmente bem ao objetivo geral do Ensino Fundamental II do Ensino Público brasileiro. Desse ponto de vista, avaliamos as quatro primeiras redações de nossa amostra representativa como textos consequentes a um provável estímulo docente à produção de narrativas ficcionais e coerentes tanto ao objetivo geral para alunos do Ensino Fundamental II quanto para o modelo teórico do “pensamento narrativo” de Bruner, um dos dois modos do funcionamento cognitivo da mente humana.

#### **4.2 Enquadramento da REDAÇÃO E como do “pensamento paradigmático e/ou científico”**

Também neste caso, duas são as razões que nos levaram a classificar a quinta produção textual da nossa amostra representativa, nominada pelo seu autor de “O sistema penitenciário brasileiro” (seção 2, REDAÇÃO E, l. 1-12), como sendo fruto do “pensamento paradigmático e/ou científico”.

A primeira está alicerçada no ensaio de Bruner apresentado resumidamente na seção 1 deste artigo, ou seja, os argumentos inseridos no pequeno texto do aluno do 2º ano do Ensino Médio levaram, em parte, “à busca de condições de verdades universais” (l. 1-12) e o discente utilizou alguns “procedimentos para assegurar a referência comprovável e testar a veracidade empírica” de suas ideias como é o caso das linhas 5-8 de seu texto:

Segundo o ministério da justiça, mais de um terço da população carcerária brasileira se trata de detentos que aguardam julgamento do juiz, a grande burocracia dos processos criminais. (REDAÇÃO E, l. 5-8)

A segunda, variante interligada ao funcionamento cognitivo paradigmático e/o científico de Bruner, está fundamentada na Apresentação da “Cartilha do Participante da Redação do Exame Nacional do Ensino Médio” (Edição 2018), que assim reza:

A prova de redação exigirá de você a produção de um texto em prosa, do tipo dissertativo-argumentativo, sobre um tema de ordem social, científica, cultural ou política. Os aspectos a serem avaliados relacionam-se às competências que devem ter sido desenvolvidas durante os anos de escolaridade. **Nessa redação, você deverá defender uma tese – uma opinião a respeito do tema proposto –, apoiada em argumentos consistentes, estruturados com coerência e coesão, formando uma unidade textual.** Seu texto deverá ser redigido de acordo com a modalidade escrita formal da língua portuguesa. Você também deverá elaborar uma proposta de intervenção social para o problema apresentado no desenvolvimento do texto que respeite os direitos humanos. Apresentação da (CARTILHA DO PARTICIPANTE DA REDAÇÃO DO EXAME NACIONAL DO ENSINO MÉDIO, Edição 2018)

Coerente com o que propõe o ENEM, o aluno do 2º ano do Ensino Médio concluiu sua redação com “uma proposta de intervenção social para o problema apresentado no desenvolvimento do texto” (ENEM, 2018) nos seguintes termos:

Portanto, a solução exige além de outros fatores uma reforma na legislação criminal e do processo penal, com o incentivo do uso de penas alternativas e premiações para os agentes mais produtivos e capazes de (...) projetar inovações. (REDAÇÃO E, l. 9-12)

Sem entrar no mérito da qualidade da redação analisada, mas considerando apenas as diretrizes registradas na “Cartilha do Participante da Redação” do ENEM (Edição 2018) e as premissas do funcionamento cognitivo de Bruner, a REDAÇÃO E da amostra representativa do nosso objeto de análise, está, inegavelmente, mais próxima de um texto dissertativo nos moldes propostos e esperados pelo ENEM do que o de uma narração e, por seu autor utilizar “argumentos para convencer alguém de sua veracidade”, está também mais próxima do “pensamento paradigmático e/ou científico” do que do pensamento narrativo.

Por fim, se nosso objeto de análise foi - de fato – uma amostra representativa das redações dos alunos do Ensino Fundamental II e do Ensino Médio de uma Escola Pública do município de Porto Velho, lócus de nossa pesquisa etnolinguística e documental, é possível conjecturar que os alunos desses dois níveis de escolaridade produzem, respectivamente, narrações ficcionais e redações dissertativas com base no “funcionamento cognitivo”, ‘narrativo’ e ‘paradigmático ou científico’, respectivamente, “cada um fornecendo diferentes modos de ordenamento da experiência, de construção da realidade.” (BRUNER, 1997, p. 12)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Iniciamos este artigo com a intenção de analisar uma amostra representativa de cinco redações produzidas em uma Escola Pública de Porto Velho à luz da teoria de Jerome Bruner, que trata especificamente da dicotomia formal do funcionamento do pensamento humano, como cotejamento parcial e objetivo geral para o Ensino Fundamental II do Ensino Público do município de Porto Velho e com a cartilha do participante da redação do ENEM (Edição 2018). Paralelamente a esse objetivo maior, também pretendemos mostrar qual dos dois tipos de pensamento predomina na amostra das cinco produções textuais selecionadas e especular acerca da possibilidade de estender essa predominância tipológico-cognitiva como macro tendência para o conjunto geral das redações disponibilizadas.

Para alcançar esses objetivos, empregamos a pesquisa bibliográfica que incluiu a teoria de Jerome Bruner acima mencionada, os objetivos gerais para as redações do Ensino Fundamental II em Escolas Públicas do município de Porto Velho, a cartilha do ENEM (versão 2018), a pesquisa etnolinguística, como suporte para o estudo das relações entre língua, cultura e sociedade e a pesquisa documental para sustentar a escolha do material ou objeto de estudo. Entre os principais resultados alcançados, salientamos que o conjunto das quatro primeiras redações da amostra representativa selecionada contém, com base na teoria de Jerome Bruner, as características predominantes do funcionamento cognitivo narrativo e, em conformidade com o objetivo geral para as redações previstas para o nível do Ensino Fundamental II e as características da narração do tipo ficcional; já em relação à última redação da amostra representativa, também com base na teoria de Jerome Bruner, a produção textual do aluno do 2º ano do Ensino Médio está assentada nas características do funcionamento cognitivo predominantemente paradigmático ou científico e, com base na cartilha do participante da redação do ENEM (Edição 2018), trata-se de um texto dissertativo argumentativo.

Quanto à especulação a respeito da possibilidade de estender essas predominâncias tipológico-cognitivas como macro tendência para o conjunto geral das redações dos alunos do



---

Ensino Fundamental II e do Ensino Médio de uma Escola Pública do município de Porto Velho, é possível conjecturar que esses alunos produzem narrações ficcionais e redações dissertativas com base no “funcionamento cognitivo”, ‘narrativo’ e ‘paradigmático ou científico’, respectivamente, cada um fornecendo diferentes modos de ordenamento da experiência, de construção da realidade.

## REFERÊNCIAS

BARRETO, Evanice Ramos Lima. **Etnolinguística**: pressupostos e tarefas. P@rtes. São Paulo, junho de 2010. ISSN 1678-8419. Disponível em: Acesso em 20/09/19.

BRASIL – Ministério da Educação – INEP – ENEM 2018 – **Redação do ENEM 2018** – Cartilha do participante - Diretoria da Educação Básica – DAEB. Disponível em: <[http://download.inep.gov.br/educacao\\_basica/enem/guia\\_participante/2018/manual\\_de\\_redacao\\_do\\_enem\\_2018.pdf](http://download.inep.gov.br/educacao_basica/enem/guia_participante/2018/manual_de_redacao_do_enem_2018.pdf)>. Acesso em: 20/09/19.

BRUNER, Jerome. A construção narrativa da realidade/*The narrative construction of reality*. **Critical Inquiry**, n. 18. v. 1, pp. 1-21, 1991. Disponível em: [independent.academia.edu/valdirvegini](http://independent.academia.edu/valdirvegini).

BRUNER, Jerome. **Atos de Significação**. Porto Alegre, Artes Médicas, 1997.

BRUNER, Jerome. **Realidade mental, mundos possíveis**. Porto Alegre/BR: Artes médicas, 1997.

GIL, A.C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Atlas, 1996.

**LEIS DE CLARKE**. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Leis\\_de\\_Clarke](https://pt.wikipedia.org/wiki/Leis_de_Clarke)>. ACESSO EM: 20/09/2019.

META – QUALIDADE em EDUCAÇÃO. **Ementa Técnica em Redação** – Ensino Fundamental II. Disponível em: <<http://metapvh.blogspot.com/2011/04/ementa-tecnica-em-redacao-ensino.html>>. Acesso em: 22/09/19.